

# BENJAMIN MANCHA/TOM BIELORRUSSO

*BENJAMIN MANCHA/TOM BIELORRUSSO*

DAKÍ<sup>1</sup>

**Resumo:** Uma reflexão sobre as cores, os sons e suas distorções no universo de criação pessoal e artística do autor, que vem se desdobrando desde 2012, propositalmente ou não. O trajeto é desencadeado pela escuta do álbum "Ratos", criado em 2022, mas passa por referências presentes tanto no álbum quanto em outras obras produzidas na última década, como discos musicais, quadrinhos e produções audiovisuais. Também foi realizado um esforço para contextualização da força de produção com temáticas em saúde mental, mais especificamente as associadas ao Transtorno Afetivo Bipolar.

**Palavras-chave:** cores, transtorno afetivo bipolar, processo criativo.

**Abstract:** A reflection on colors, sounds and their distortions in the author's personal and artistic creation universe, which has been unfolding since 2012, on purpose or not. The journey is triggered by listening to the album "Ratos", created in 2022, but goes through references present both in the album and in other works produced in the last decade, such as musical records, comics, and audiovisual productions. An effort was also made to contextualize the production force with mental health themes, more specifically those associated with Bipolar Affective Disorder.

**Keywords:** colors, bipolar affective disorder, creative process.

<sup>1</sup> DAKÍ é Marcelo Barros de Carvalho Júnior, artista autodidata e psicólogo pela Universidade Federal de Goiás com especialização em Psicologia Analítica.

Concreto aço arranhacéu do Areião. Dei play no Ratos, meu EP do ano passado – o ano passado foi 2022. Acho que umas duas pessoas ouviram isso, no máximo; eu e minha ex-mulher, a contragosto. E o Diego do Hominis Canidae também deve ter escutado, ao menos em parte, antes de postar no blog. Está muito calor em Goiânia, acabei de voltar da caminhada e ainda não tomei banho. Quis me sentar ao computador um pouco e fumar um cigarro. Tenho desenvolvido ou aprimorado métodos para lidar com algumas questões na minha vida. Uma delas é o cigarro, que tenho pensado em pausar/parar por conta de um tremor crescente nas minhas mãos. Tenho o tremor desde adolescente – e medo de Parkinson, dois casos de Parkinson na família paterna –, mas, tem se agravado nos últimos meses; fiquei pensando se não é o cigarro e o café preto açucarado. Apesar de que, sou fumante desde 2008, mas, enfim.

O EP foi gravado em meados de junho, quando morávamos na sobreloja, a casa mais insalubre das três que já habitamos. Escrevi as letras das quatro faixas – uma delas não tem vocal – ao longo de várias semanas, pela manhã, quando chegava ao trabalho, no IPASGO, e fumava um cigarro do lado de fora do Instituto, antes de começar o expediente; escrevia em papéis aleatórios, os versos no verso de receita de remédio, de guias de consulta. Na última faixa, cito “Enfermeira Exorcista”. Nem me lembrava de que havia assistido a essa série. Parece que saio de uma névoa opaca. Não me lembrava de muitas coisas das quais falo nas faixas que tenho postadas no Bandcamp e no Soundcloud, que escrevi ano passado, na rua, em um período em que estive um tanto fechado no meu próprio universo psicológico-político e pouco aberto a afetos e laços com pessoas além daquela com quem eu dividia os dias. Ratos dura, aproximadamente, 20 minutos, e já acabou de tocar enquanto escrevi estes parágrafos.



Figura 1. Captura de tela da série "Enfermeira Exorcista". Na imagem, está presente a protagonista da história, em seu consultório de atendimento, sentada, de cabelos pretos e curtos, vestindo uma camiseta preta, com o queixo apoiado na mão esquerda fechada, enquanto a direita segura uma espada de brinquedo colorida. Na lateral direita da imagem há um homem de costas, vestido num uniforme verde.

Tenho me lembrado de muita coisa nos últimos dias. Tenho me lembrado de ter sido – no sentido de “ser uma pessoa, possuir um modo de ser” – muito diferente, um outro, com outros gestos, outros tons de voz, tenho ativado memórias corporais de um Marcelo de oito anos atrás, de doze anos atrás, antes de tanta coisa acontecer ou começar a acontecer (pois algumas se provaram cíclicas). Ratos é um álbum cinza duro e meus dias têm sido um caleidoscópio multicolor.

Confuso, antes de dormir, 1h da manhã, e ligo para o meu pai para conversar um pouco. Tiro o sono dele para conseguir o meu, para organizar meus pensamentos. Azul, com medo dos sintomas, medo de os eventos alegres serem, na verdade, Euforia; tenho desenhado, voltei a desenhar meus zines preto e branco, com traço .10, .5; desenhado samambaias araras, escrito na página que, por hora, é só a segunda página e já tem uma continuação na minha cabeça; é um quadrinho de Maximilion conversando com araras

sobre o meu sumiço do mundo dos zines e da arte por quase todo o ano de 2023. Fui descansar na coitadolândia (vi isso no twitter e achei que estava na hora de mudar minha postura). Estou pintando um quadro vermelho, mas não quero continuar. Ele ficou vermelho por causa da questão Palestina, mas não sinto emoção nenhuma com esse quadro. Comecei a trabalhar nele no início do ano. Achei que tivesse 70 por 70 centímetros, mas causa a impressão de não ser quadrado. Começou com uma mescla de manchas azuis, laranjas, rosas, verdes e roxas, e foi ganhando camadas lentas conforme as coisas do ano foram acontecendo, do meu ano abafado, antes de conseguir ter forças e força de vontade para retirar minha inscrição do concurso de rei da coitadolândia. O quadro passou o ano inteiro sem me emocionar. Escrevi algumas coisas sobre "The Office" nele, sobre "The Bear", sobre meus encontros do Tinder e do Bumble, mas nada que me mobilizasse como quando, em 2013, de madrugada, comecei a chorar pintando outro quadro e lembrando do nosso bebê que se perdeu com três meses de gestação, no aborto espontâneo de ex-companheira, e que poderia estar com três anos na época, ter um nome, e teria mudado a minha vida – talvez eu jamais tivesse começado a pintar quadros. O quadro que, hoje, é vermelho, me dá pistas sobre minha futura relação com a pintura. Não sei se vou conseguir retomar, não consigo manter por hobbie uma coisa que não me move de alguma forma. E o propósito inicial do quadro, de todo modo, era ser um teste sobre meu ânimo para ser pintor. Está testado o bastante, por hora. Talvez, em outro momento, outra casa, quando eu tiver novamente uma mesinha para apoiar o material ao lado do cavalete, meu corpo novamente peça pelo pincel e pelo brilho da tinta acrílica deslizando.



Figura 2: Digitalização de história em quadrinhos desenhada à mão. A imagem apresenta um recorte de três painéis, todos com a presença de Maximilion, uma personagem que veste terno e cartola e tem os cabelos compridos. No primeiro painel, cinco cópias de Maximilion dividem um balcão; há um quadro que diz "Tem gente que demora pra entender o que quer da vida". No segundo painel, Maximilion está dentro de um supermercado, acompanhada do texto "E tudo bem". No último painel, Maximilion, de pé sobre um gramado braços levantados, faz levitar sobre a própria cabeça um serrate, enquanto sobre a grama há um casaco caído e diversas cópias da personagem espalhadas com a frase "Tenho tempo".

Falei da Maximilion mais cedo porque, no meu universo, no dakiverso, Maximilion mesmo em preto-e-branco é o laranja alaranjado, usando cartola, com cabelos compridos como os meus nunca vão ser, e gosto muito do laranja porque laranja me lembra Goethe. E laranja também é a capa da edição que tenho do "Infância", do Górkki, que eu li atravessando uma tempestade fisiológica e me foi dado de presente pela Ksnirbaks, uma das pessoas que assustei bastante durante uma das minhas crises, e ainda assim se manteve ali e disse Deus é bom e me deu o livro, laranja, laranja de Goethe, das "Afinidades Eletivas", laranja Górkki, laranja Maiakóvski no parque e cor de jabuticaba na minha noite alucinada balbuciando na janela.

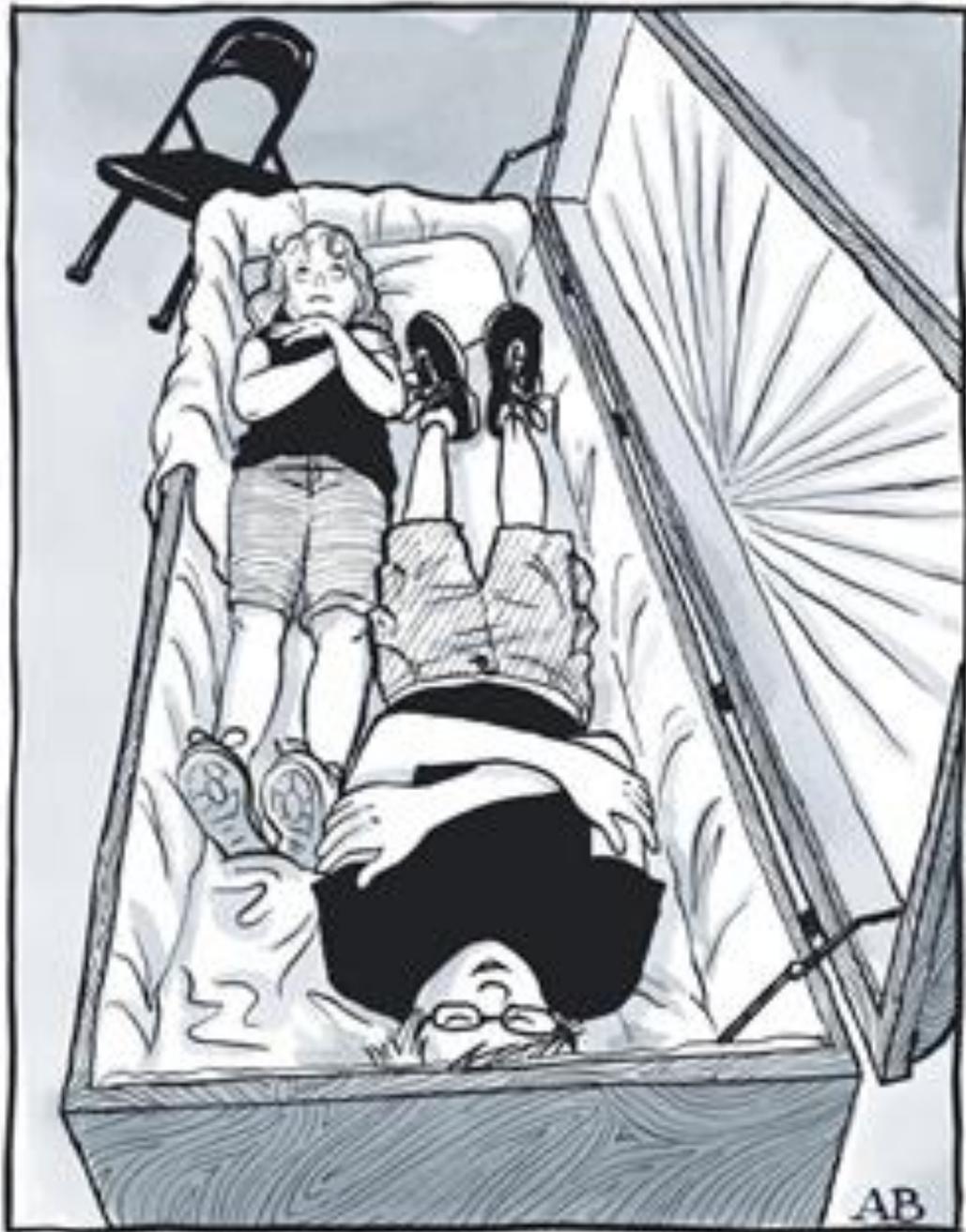


Figura 3. quadro retirado da história em quadrinhos "Fun Home", escrita por Alison Bechdel. É uma ilustração sem palavras, criada em tons de verde claro e preto. A imagem retrata um caixão aberto, e dentro dele um adulto deitado, de braços cruzados, de um lado, e do outro uma criança deitada de ponta-cabeça com os braços também cruzados. O adulto usa óculos, e tanto ele quanto a criança vestem camiseta preta, bermuda verde e tênis. Há uma cadeira de armar ao fundo, típica de eventos funerários.

Ouço Ratos novamente, até o fim. Em contraste, “Bahia”, do Coltrane, e eu respiro novamente e movo meus dedos livremente e estou de volta a 2023, em novembro, e coisas boas acontecem e faço amigos no trabalho, tenho conversas como não as tinha desde muito tempo atrás, dou risada faço piada, falo de mim, falo que pinto e que não gosto de pintar, minha vida um quadrinho em tons pastéis como os tons de verde do “Fun Home”, da Bechdel. Descubro novos usos para a função de Melhores-Amigos no Instagram, círculo verdinho, e mostro a Melhores-Amigos-Mais-Chegados-Que-Irmãos pequenos detalhes, desenhos, músicas e minha pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida, preta, com mãos de cinza durepox que eu montei depois que quebraram – foi promessa pra fazer o concurso pra psicólogo, eu faria as mãos dela de volta tão logo chegasse o dia de fazer a prova, e cumpri.

Meu envolvimento com as plásticas se deu pelo viés do sofrimento e da confusão. E quem conhece meu trabalho pela internet não sabe nada dessa história, então, contar isso, aqui, não deixa de ser um acerto de contas holístico, visto que 30% de mim é cronicamente online desde 2003, quando ganhei um desktop da Compaq da minha mãe. No início da juventude, deixei Goiânia para viver no interior de São Paulo. Retornei em 2012, e meu ressurgimento na cidade, a forma como apareci para desconhecidos – na web e na UFG – foi como alguém que pintava quadros em cores aberrantes, um sujeito calado, fragmentado, inseguro de si e, contraditoriamente, altamente articulado com a linguagem em alguns momentos, declamando longos poemas de pé na mesa do jardim da Faculdade de Educação. Eu voltei com muita coisa na cabeça, o Ginsberg foi uma delas.



Figura 4. Ilustração por Marcelo Dakí feita em 2012. Um desenho multicolorido que retrata um menino desenhando um cartaz com as palavras "Buzzcut Season" enquanto sua própria cabeça está em chamas. Aos fundos há seis olhos flutuando, abertos, cada um olhando para uma direção. Pequenas figuras humanas verdes correm pela superfície onde o cartaz está apoiado. A pele do menino é azul e ele usa óculos. Sua camiseta é verde e tem na estampa o símbolo de Reciclagem. O espaço de fundo da ilustração é em amarelo intenso com traços laranjas.

No início do segundo ano da minha graduação em Psicologia, eu já fazia parte de um grupo de pessoas que mantinha um zine bimestral, o "Porta Besouro", sendo o editor dos trabalhos e o responsável por mobilizar todo mundo quando estava na hora de fazer uma edição nova, de passar nas salas convidando novos alunos a participar. Meus laços com as pessoas do zine variavam bastante, não era amigo de todos, mas os conhecia o suficiente para articular a publicação. Rodávamos na xerox da faculdade, em preto e branco. Juntávamos moedinhas para publicar: com dez reais dava pra rodar um bom número de cópias, vendíamos por 25 centavos para levantar a caixinha para publicar os seguintes.

Um dia, nessa época, eu estava com dois caras desse grupo de zines em um bar universitário, e eles me disseram que eu era uma das pessoas mais influentes da Faculdade. O ano estava ficando difícil. Eu saí dali sem saber se estavam fazendo mais um comentário cético, como era de costume da parte de ambos, ou se havia qualquer tipo de verdade na mensagem. Foi na mesma época em que consegui minha exposição individual no Palácio da Cultura, na Praça Universitária. Tive, aproximadamente, vinte trabalhos expostos, por dois meses. O título da mostra era "Legião", menos pela Urbana e mais pelo coletivo de demônios que eu carregava comigo desde 2012, e que tentava expurgar por meio dos desenhos e da pintura, de pé, a madrugada toda, no ateliê que eu mantinha dentro de um quarto do apartamento dos meus pais, onde morava com a minha irmã. O ateliê tinha paredes em um branco cremoso, mas cobertas até o teto com explosões de tinta, traços soltos, ranhuras, um pássaro oval amarelo de asas azuis com uma interrogação na cabeça, uma árvore morta roxa e fantasmagórica, referências de versículos bíblicos, um policial borrifando spray de pimenta e batendo com o cassetete – estamos falando do início de 2014, no Brasil.

Comecei a criar em 2012, em meio a uma crise psiquiátrica. Havia acabado de sair de um relacionamento amoroso que, em parte, acabou por conta da própria crise de Mania – na época, eu estava ainda longe de saber que era bipolar, vivia os sintomas e não entendia o que estava acontecendo. Eu não

conseguia me comunicar, tentava conversar com amigos, mas era impossível, não tinha palavras para descrever o que eu estava sentindo. Tentar dormir à noite era impensável, minha cabeça não parava de maquinar. O relacionamento amoroso em questão começou a acabar quando eu estava em Recife. Tinha ido de mudança, mas as coisas desmoronaram de uma vez e não consegui ficar nem uma semana lá. Eu havia levado um caderno para Recife, com o objetivo de registrar as informações relevantes da cidade para um primeiro período de habituação. Por motivos que ainda hoje me escapam, enquanto tudo vinha ao chão, comecei a desenhar no caderno. Ele tinha a capa vermelha, ainda o guardo comigo – arranquei as páginas de notas pernambucanas e deixei apenas os desenhos.

De Recife acabei indo parar, novamente, no interior de São Paulo, que foi esse período de incomunicabilidade. Até que, um dia, fiz uma prece, e eu nunca fui uma pessoa de preces; meu relacionamento com o divino e com questões espirituais só começou a se estabilizar mais recentemente. O que eu pedi foi direcionado a Deus, à Deusa, ao que quer que existisse universo afora e estivesse me ouvindo. Eu queria um caminho, alguma coisa para agarrar, pois estava por um fio e chegando no meu limite de incompreensibilidade diante da realidade que me cercava e da sensação de ruptura com qualquer coisa que eu poderia saber que entendia sobre mim mesmo. E então eu dormi.

E no dia seguinte, aconteceu. Peguei o caderno vermelho e fiz um desenho assim: de um lado, esquematizei como achava que seria minha vida caso retornasse à Goiânia; do outro, coloquei os elementos associados à vida como eu imaginava que fosse viver em São Carlos. Segui o dia. Mais tarde, um amigo, estudante de Química, mas que desenhava já há anos, ao olhar meu desenho, ficou surpreso. Disse que tinha muita coisa ali, e passou a interpretar a composição. Falou do vulcão que eu havia desenhado em Goiânia; do ônibus e outros elementos da parte de São Carlos; e eu fiquei emocionado. Havia conseguido me comunicar com alguém através dos meus desenhos, não estava mais enclausurado.

O problema é que não se cura uma crise de Mania com um desenho sozinho, pelo menos não com a da experiência que tenho. Do ocorrido, caí numa ideia obsessiva de que então era isso, que esse era meu caminho e meu destino: desenhar. Eu, que mal havia desenhado qualquer coisa nos 25 anos antes disso, seria um artista e viveria disso. E não era uma questão de carreira, era existencial: eu só descobriria “verdades” sobre mim se continuasse desenhando e utilizando minha produção para trocar perspectivas com outras pessoas. E assim o fiz. E foi horrível. Entrei em lugares psicológicos que nunca deveria ter entrado, e fui protegido e acolhido por pessoas que não me deviam nada e em troca de nada. E as coisas iam acontecendo muito rápido, pois, agora, o Marcelo não é mais o mesmo que meus amigos conheciam; o Marcelo, agora, desenha o tempo todo quando está no rolê, quando está na praça, quando está em casa, quando está tomando banho. Um amigo me deu uma tela e eu pintei meu primeiro quadro. Na época, não tinha dinheiro nenhum e conhecimento zero sobre pintura. Peguei cinco reais, fui até a papelaria, comprei um pincel e duas tintas para tecido, uma preta e uma laranja. Pinte a tela com um fundo laranja e comecei a compor com o preto.

Na época, lia tudo bagunçado. No meu frenesi, misturava Antropologia com Psicologia Junguiana, Cibercultura e Ocultismo, encartes de CDs, capas de romances, trechos de música da Legião Urbana. Como quem quer fazer um feitiço, coletei flores rosa do jardim da casa, terra, e misturei com a tinta laranja, criando tons musgados e pintando com eles e com o preto. Fiz um bruxinho quadrado, surpreso, falando ao celular. Peguei um giz de quadro branco, rosa, e esmaguei no canto da tela, criando uma mulher de vestido. Dei de volta para o amigo que me deu o quadro.



Figura 5. Fotografia feita no segundo semestre de 2012. Nela estou retratado de pé, com as costas apoiadas numa parede do ateliê que era mantido no apartamento dos meus pais após meu retorno à Goiânia. Estou vestido com um agasalho fino, cinza, e calças jeans, usando óculos e com a cabeça raspada, a barba por fazer, com uma expressão séria e de braços cruzados. A parede ao fundo está coberta de palavras escritas com tinta e giz de cera, de difícil compreensão, além de figuras abstratas, como uma árvore morta roxa cheia de galhos secos e um bolo de chamas negras no céu azul. Do lado direito da foto, nessa mesma parede encontra-se afixado um quadro azul e lilás, e as manchas de tinta insinuam a palavra "IRA" escrita em maiúsculas. Do lado esquerdo da imagem encontra-se uma escrivaninha com uma prateleira suspensa, abarrotada de quadros concluídos ou em produção. Um deles mostra um campo pintado de amarelo forte, com explosões de raios em vermelho subindo a partir do centro, e diversas manchas em vermelho escorrendo na parte inferior. Na prateleira encontra-se também uma garrafa plástica de água, um elefante branco de porcelana, um estojo transparente e um spray de tinta.

Semanas depois, estava na sede de um grupo de teatro, durante uma festa, pintando uma parede. Não sei de onde tirei o dinheiro para mais tintas. Eu estava completamente alucinado. Pinte até as cinco da manhã, depois que todos tinham ido dormir. Pinte um disco voador pequenino, roxo, e um dragão vermelho que saía do chão e ia até o telhado da casa. Só parei de pintar quando percebi que o pincel que eu usava não tinha mais cerdas: todas tinham sido arrancadas no atrito com a parede e eu estava já há algum tempo pintando com o metal do pincel, como um bastão para espalhar a tinta.

Essa crise foi a mais longa até hoje, durou nove meses. Eventualmente, fiquei

mal o suficiente para retomar o contato com a minha família e voltar para Goiânia, sem que nada de mais grave tivesse acontecido. Fui ao psiquiatra pela primeira vez, comecei a tomar antidepressivos, decidi prestar vestibular – meu nono vestibular, passei por 5 universidades públicas durante a juventude, cada uma em um canto do país. Consegui me agarrar aos estudos lendo um livro de “História Geral e do Brasil para Ensino Médio” e passei em 2º lugar para Psicologia. Foi nesse contexto que meus colegas me conheceram, que Goiânia me recebeu de volta, eu e minha legião de cores.



Figura 6: Fotografia feita nos anos 1990, na minha festa de aniversário. Estão presentes cinco crianças com menos de dez anos cada, com foco em duas que estão abraçadas de lado em frente ao bolo de aniversário. O tema do bolo é “futebol”, sua superfície é verde e branca, com dois gols em miniatura e diversos bonequinhos emulando os jogadores. As duas crianças em destaque somos eu, no canto direito, de óculos e camiseta azul-escuro, sorrindo com um dos dentes faltando na parte superior do sorriso, e um amigo de infância que, assim como as outras crianças da foto, veste roupas claras, quase brancas.

Hoje minhas demandas emocionais são outras, porque algumas dessas práticas já não me emocionam, como o quadro vermelho que estou pintando desde janeiro e achei que nem compensava ser mostrado aqui. Não acho que valha a pena forçar. Não sinto que há mais urros em mim. Muita coisa aconteceu nesses dez anos. Pintei muito. Amei muito, mais de uma vez. Fui casado. Fiz muitos amigos. Reencontrei o caminho para uma relação saudável com a minha família. Sigo em terapia desde 2012. Trabalhei em livrarias e, mais recentemente, no serviço público. Descobri que tenho Transtorno Afetivo Bipolar e, desde então, venho entendendo mais e mais como me cuidar para evitar outras crises. Me graduei como psicólogo. Experimentei com outras formas de arte, fiz jogos, publiquei uma história em quadrinhos autobiográfica em preto e branco, longa. Mês passado, prestei um concurso público para psicólogo no interior de Goiás. Eram duas vagas, fiquei em 3º, primeiro lugar no cadastro reserva. Devo ser convocado em algum momento do ano que vem.

Penso em outras performances. Tenho um segundo gibi em criação lenta, também em preto e branco, para ser mais econômico para publicar, também sobre bipolaridade. Penso em balões de tinta – provavelmente, eu nunca vá fazer isso. Penso em balões cheios de tinta, tinta viva, não aquela tinta aguada, balões robustos, uns cinquenta. Penso em um muro. E nos balões estourando no muro. E na minha risada vendo as cores. Sei que a arte fez muito por mim, mas, talvez, tenha sido muito mal utilizada nos últimos anos, servindo mais de clausura e couraça do que de ponte. Acho que isso pode mudar, mas não estou preocupado em resolver a questão. Tenho outras coisas pra fazer e ondas mecânicas para conversar e, no momento, isso me agrada muito mais.

## **Referências**

DAKÍ, M. Ratos EP, 2022. Disponível em:  
<<https://daki1987.bandcamp.com/album/ratos-ep>>. Acesso em 11 nov.  
2023.

Recebido em: 11 de novembro de 2023.

Publicado em: 29 de dezembro de 2023.